

O amor e o erótico lexicograficamente analisado: uma visão discursiva

Zilda Maria Dutra ROCHA¹

Resumo: As palavras que saem significadas de um dicionário, principalmente quando se trata de um dicionário bem reconhecido, ganham mais importância conforme seus efeitos de sentidos, formados a partir da visão do lexicógrafo e da sociedade. Assim como outras, as palavras *amor* e *erótico* exprimem, além do significado compartilhado pelos membros da mesma língua, o ponto de vista de uma sociedade e do autor que as descreve como verbetes em sua obra. Recortamos do dicionário Aurélio Júnior (2011) os verbetes *amor* e *erótico*, os quais são descritos e analisados sob a ótica da Análise do Discurso (ORLANDI, 1999, 2000; MACHADO, 2009) e a perspectiva teórica da Lexicografia Discursiva (NEVES, 1996; PONTES, 2009), área da Lexicografia que tem como foco de pesquisa os discursos produzidos pelo dicionário. A pesquisa lexicográfica sob uma visão discursiva vê nas palavras um discurso além do próprio discurso. Posto isso, justificamos nosso trabalho como relevante por se tratar dos discursos produzidos em dicionário voltado para alunos do ensino fundamental, discursos esses, geralmente tomados ideologicamente como neutros pelo consulente comum. Para compor as nossas conclusões indagamos: que interpretações o aluno pode tirar dos efeitos de sentidos gerados pelos significados mostrados nesses verbetes?

Palavras-chave: Dicionário; Sentido; Discurso.

Abstract: The meanings of words from a dictionary, especially when it is a dictionary recognized, gain more importance as the effects of senses, formed from the view of the lexicographer and society. Like others, the love and erotic words express, in addition to shared meaning by members of the same language, the point of view of a society and the author who describes them as entries in his work. We cut out the Aurelio Junior Dictionary (2011) the entries love and erotic, which are described and analyzed from the perspective of Discourse Analysis (ORLANDI, 1999, 2000; MACHADO, 2009) and the theoretical perspective of Lexicography Discourse (NEVES, 1996; PONTES, 2009), the field of lexicography whose research focus discourses produced by the dictionary. The lexicographical research under a discursive vision sees in the words of a speech beyond the speech itself. That said we justify our work as important because it is the discourse produced in facing dictionary for elementary school students, these speeches, usually taken as ideologically neutral by common consultant. To form our conclusions we ask: Witch interpretations is the student able to take from the effects of meanings generated by the meanings shown in these entries.

Keywords: Dictionary; Senses; Discourse.

Introdução

Os significados atribuídos aos verbetes *amor* e *erótico* no dicionário Aurélio Júnior são aqueles escolhidos pelo autor, cuja obra

¹ Mestrado em Letras; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Pau dos Ferros – RN; zildamarialetras@hotmail.com.

é destinada a alunos do Ensino Fundamental II. As acepções contidas nesses verbetes geram sentidos diferentes, além de interpretações próprias à idade do consulente. Trazem noções de discursos, o discurso do escritor (lexicógrafo), dos que construíram o discurso historicamente, do editor, que selecionou o discurso do outro. Enfim, de todos que contribuíram até que esse discurso se materializasse e chegasse ao leitor. Leitor esse que busca no dia a dia respostas para as indagações peculiares à fase pela qual estão passando.

Esse leitor, que não é só o aluno, pode ser também outro consulente que tenha acesso ao dicionário, encontra-se representado por discursos atravessados, que poderiam também ser seus, porém, muitas vezes fogem à sua verdadeira história de vida, e acabam representando um discurso de interesses, de uma determinada época ou classe social. Como afirma Orlandi (2000, p.97),

[...]podemos ler os dicionários como textos produzidos em certas condições, tendo o seu processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória ante a língua [...] (ORLANDI, 2000, p.97).

A palavra, uma vez registrada nas páginas de um dicionário, torna-se pública, oficial e legítima, não há quem discorde desta obra tão respeitada. A questão desse trabalho é discutir quais os efeitos de sentido que as acepções dos vocábulos *amor* e *erótico* transmitem em seus verbetes, e que interpretações pode um aluno de ensino fundamental construir a partir dos sentidos implícitos ou explícitos embutidos nesse conjunto de informações.

Consideramos que um aluno desse nível tem entre 11 e 14 anos, está num estágio de transição da fase de pré-adolescência para adolescência, é bombardeado pelas informações da mídia, principalmente a virtual, e encontra-se frágil pela natureza imposta dos hormônios. Então, se tem um quadro socialmente e biologicamente formado para tentarmos entender como esse jovem pode “encarar” alguns significados que chegam sem muitas explicações, às vezes até vazios de conteúdo.

Nosso objetivo não é uma simples e vazia crítica de como estão sendo verbalizadas as definições de “amor” e “erótico” no dicionário em estudo. Visamos analisar como se mostram as construções discursivas desses verbetes e refletir de que modo nosso consulente,

o aluno, recebe o texto lexicográfico, supondo as possíveis reflexões e interpretações. Faremos isso através de um estudo crítico alimentado por nossas leituras sobre a Análise do Discurso e a Lexicografia Discursiva. Ambas as disciplinas veem o discurso lexicográfico com uma importância, além do que está posto. A Lexicografia Discursiva trata da perspectiva teórica que liga o dicionário aos discursos produzidos e assim valida nossa abordagem, tendo em vista que, conforme Orlandi (2000, p.98), o dicionário “[...] se apresenta como vestígio da nossa memória histórico-social”.

Essa memória “histórico-social” é objeto de reflexão no olhar do pesquisador, do metalexígrafo (lexicógrafo dedicado às pesquisas sobre o dicionário e o léxico), do linguista da Análise do Discurso (AD), e por um viés da memória-discursiva, pois além da Lexicografia Discursiva, a AD também vê discursos no dicionário, trazendo este ao olhar dessa disciplina (ORLANDI, 2000). Orlandi (2002, p. 105), ao ver o dicionário como discurso, afirma que este representa a língua em sua forma concreta, e que os modos como os sujeitos produzem a linguagem como “seres histórico-sociais”, também estão ali representados.

Percebemos assim como esse material linguístico, por ser produzido em determinada época e condições específicas, pode compor uma rede de memória histórica e discursiva perante o uso da língua, além da repercussão do seu aspecto social, que muito influencia aos que constroem essa obra.

O aspecto social, como já enfatizamos, é levado em consideração, posto que tem grande relevância quando se trata de significar uma palavra, que ganhou outros sentidos pelos usos frequentes em um determinado momento ou época, diferentes daqueles que estão nas páginas de um até reconhecido dicionário, pois, como ressalta Neves, (1996, p.129), “[...] o dicionário é obra de respeito dentro de qualquer sociedade”. Muito embora, se tenha o respeito e a crença pelo dicionário, há os que estudam e se debruçam sobre esse assunto, atentando para os discursos que são gerados, e como são transmitidos ao leitor, tentando desmitificar a preponderância dessa obra. Isto quer dizer que, mesmo que o dicionário seja um registro, uma catalogação daquilo que se tem por oficial, há um fato linguístico o qual não se pode negar: a língua é viva e pode-se refletir sobre ela e por ela, a qualquer época.

O discurso do verbete

No dicionário, permeado por discursos diversos e seus sentidos, se entrevê a relação da Lexicografia com a Análise do Discurso. Orlandi (1994) nos diz que:

Pensando a linguagem na sua relação com a exterioridade, pelo dispositivo que é o da Análise de Discurso, levamos em conta tanto a constituição dos sujeitos como dos sentidos afetados pela ideologia (e pelo inconsciente). (ORLANDI, 1994, p. 58)

É, portanto, na relação da linguagem com a ideologia que podemos pensar os discursos construídos pelo verbete, o que nos leva a tratar também dos modos de dizer dos sujeitos envolvidos. A nossa reflexão sugere que o lexicógrafo é um ser produtor e se expõe nos seus discursos, ou seja, seus modos de dizer. Todavia, a linguagem não é transparente, o que leva o analista a, conforme postulados da Análise do discurso, procurar nos textos suas significações, vê-lo em toda sua materialidade própria, seus aspectos linguístico-discursivos, porém sob um olhar criterioso. Sobre isso Silva (2005, p.16) afirma:

A Análise do Discurso leva em conta o homem e a língua em suas concretudes, não enquanto sistemas abstratos. Ou seja, considera os processos e as condições por meio dos quais se produz a linguagem. Assim fazendo, insere o homem e a linguagem à sua exterioridade, à sua historicidade. (SILVA, 2005, P.16)

Ao tratar a linguagem como fator produtor e influenciador da história, a Análise do Discurso leva em consideração o homem e a língua como objetos concretos de atitudes, ou seja, o homem como um produtor de discursos diversos, mas não inerente às suas condições de existência, e a língua como um sistema concreto, no qual ela é um instrumento que veicula os discursos produzidos. Portanto, ao considerar o que já foi dito, a Análise do Discurso revela nos seus pressupostos que as condições pelas quais se produz a linguagem são altamente relevantes no processo da construção do ser, tanto quanto a importância na sua história e na sua exterioridade, no que tange ao ser influenciador e influenciado. Essa exterioridade remete aos discursos já produzidos, é a memória discursiva.

Sobre a memória, Pêcheux (In.: ACHARD, P. et al. Papel da memória: 1999) diz que a mesma deve ser entendida não

no sentido psicologista da "memória individual", mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, social inscrita em práticas(...). A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto, surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos", quer dizer, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (p.51-52). Podemos, assim, compreender a memória discursiva como o efeito da presença do interdiscurso no acontecimento do dizer, já que se trata de uma memória concebida como um espaço móvel de disjunções, deslocamentos, retomadas, conflitos de regularização, enfim, um espaço polêmico, esburacado, contudo, produzindo/comportando o jogo de efeitos de regularidade. (MACHADO, 2009, P.1)

O verbete que compõe o discurso lexicográfico se torna na memória algo a ser lembrado. É um gênero do discurso construído por diferentes modos semióticos e atores, com interfaces de uma memória discursiva, na qual povo, autor e história caminham lado a lado na construção dos significados. As definições das palavras são enunciados que recebem a contribuição dos sujeitos, que, além de comunicarem algo, repassam suas ideologias, suas histórias, seus passados e presentes.

A esse propósito, Pontes (2009) considera que o verbete se:

constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer acerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada. (PONTES, 2009, p.100).

Conforme Pontes (op. cit., p.101), há tipos de verbetes, os quais se classificam seguindo os critérios de *número de acepção*, *tipos de unidade léxica* e *tipos de informação*. Conforme o primeiro critério, o verbete lexicográfico pode ser *simples* (ou monossêmico), constituído por uma única acepção (uma definição), ou *complexo* (ou polissêmico) ou apresentar mais de uma acepção (várias definições).

Quanto ao tipo de unidade léxica definido, podem ser diferenciados dois tipos de verbetes: o verbete *léxico* e o *gramatical*. Aquele recebe esse nome se definir uma palavra lexical (substantivo, verbo, adjetivo etc.), e este, se explicar uma palavra gramatical (artigo, pronome, conjunção e alguns advérbios) sobre os quais dá informação gramatical.

Com relação ao tipo de informação, há a informação implícita e a

informação explícita, estas se distinguem considerando o conteúdo do verbete e o nível de leitura informativa que pode ser abstraído deste. No verbete de dicionário escolar, há mais informações explícitas, devido à exigência de uma clientela específica. O aluno muitas vezes necessita de mais conteúdos informativos para, então, abstrair os significados.

Análise discursiva dos verbetes

Analisamos os verbetes selecionados por critério de campo semântico e por serem estes vocábulos sensíveis a uma problematização de cunho crítico, que nos leva a uma visão crítica da Análise do Discurso.

A obra lexicográfica *Aurélio Júnior* apresenta para os verbetes amor e erótico as seguintes acepções:

- **A.mor(ô)** *subst. Masc.* 1. Afeição profunda de uma pessoa por outra. 2. Sentimento de apego a um ser, ou a uma coisa: *Paulo tem amor a seu cão; Maria tem amor a seus livros.* 3. Inclinação ditada por laços de família: amor filial; amor maternal. 4. Devoção: amor a Deus. [antônimos: ódio, aversão.] [...] **Amor à primeira vista.** Amor súbito, surgido no primeiro encontro. **Fazer amor:** Ter relações sexuais.
- **Erótico** *adj.* 1. Relativo ao amor. 2. Relativo ao sexo, ao desejo sexual. 3. Cujo objeto é o amor físico: poema erótico, filme erótico.

No verbete *amor* temos quatro acepções com definições lexicográficas, ou seja, definições que abordam diretamente os significados; baseadas em equivalências semânticas – o foco é linguístico; e duas subentradas, expressões destacadas em cor diferenciada da palavra-entrada **Amor**, que fazem a relação de “amor” com paixão e sexo. A nosso ver, não existe clareza para estabelecer essa relação.

Conforme dicionário etimológico: origem das palavras, eletrônico², “Originalmente, o termo latino *amor* era utilizado para designar o sentimento de “gostar de algo ou alguém”, sentir afeição, desejo ou preocupação”.

Percebemos no conjunto de informações (verbetes) do dicionário *Aurélio Júnior*, que o amor está num patamar de sentimentos bons, afeição pelo outro, sendo que este outro é um ser (podendo ser pessoa ou coisa). O dicionário analisado cita ainda dois tipos de amor: filial e

² Retirado de: <http://www.dicionarioetimologico.com.br/amor/>. Acesso em 02 de setembro de 2015.

maternal, esquecendo-se ainda do fraternal e do carnal, como assim são conhecidos pelo senso comum. Ao contrário do dicionário etimológico, eletrônico, já mencionado, o *Aurélio Júnior* não faz menção a desejo, e se assim o fizesse, estaria traçando um elo entre o sexo e o amor/ eros e amor/ ou erótico/erotismo e amor.

Na acepção de número quatro da palavra amor, o autor aborda amor como devoção, "amor a Deus". Em seguida, traz as expressões "amor à primeira vista" e "fazer amor", ficando essas expressões muito próximas espacialmente ao amor por devoção (a Deus). Para nós, colocar essa expressão em seguida de "devoção" foi uma escolha sequencial de discursos fora do campo semântico apropriado, sendo assim, não facilita ao consulente uma melhor compreensão do verbete como um todo.

O aluno de nível fundamental, mesmo das séries iniciais do segundo segmento, pode desconfiar de algo errado, posto que a expressão anterior nos diz, implicitamente, que antes de tornar-se sexo há de vir um sentimento de "amor à primeira vista", que nos levaria a pensar em algo bem inocente, sentimental, para se chegar a algo mais "carnal". A despeito dessas possíveis interpretações que podem nos levar a vários caminhos, o verbete está bem objetivo e claro. Quanto a isso Orlandi (1996) discorre:

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos (ORLANDI, 1996, p.9).

Para a interpretação de sentidos que fazemos, o que nos parece estar vago é o fato da não concatenação ou não encadeamento das ideias, ou a falta de contexto para um final de verbete, como se este fosse apenas prescritivo.

O jovem consulente poderá indagar-se: de onde surgiu esse "fazer amor"? Veio do nada? Antes não teve nenhuma prévia do que seria esse "fazer". O autor não menciona a palavra *eros*, *erótico* ou *erotismo* para relacionar o ato ao sentimento, que antes era todo angelical, puro e de repente se objetou, tornou-se uma coisa ou uma atitude a cumprir-se (com a palavra "fazer"). Fala de amor e sexo sem relacionar os dois – de onde vem a relação?

Um aluno, mais esperto ou mesmo para aborrecer o professor, questionaria: de onde vem essa expressão? Ou, como se “faz” amor? Por isso, seria tão importante uma contextualização, que poderia se dar em forma de outras entradas (as subentradas), por remissões (quando, por exemplo, se tem a palavra “ver” do lado das definições).

Quanto ao verbete *erótico*, têm-se apenas três acepções, bem curtas, do tipo definições metalinguísticas, que relacionam a palavra-entrada “erótico” a amor, sexo e a desejo sexual. Não há nesse verbete definições que abordam significados diretamente. Essas definições parecem neutras e objetivas, como pregam os autores clássicos da Lexicografia (PONTES, 2009), mas autores ligados aos estudos sobre o discurso “têm assinalado que tal pretensão é impossível, pois todo dicionário se posiciona ideologicamente” (PONTES, 2009, p.175).

Esse distanciamento não é possível, pois o autor seleciona todo o *corpus* para determinados pretextos, ou seja, neste caso, estamos falando de um dicionário voltado para uma faixa etária de pré-adolescentes e adolescentes, há uma tendência para eufemizar, até digamos enfeitar, para feio não parecer. O autor também se coloca no que escreve, suas crenças, preferências, o momento social que está vivendo e as exigências do editor.

O teor do verbete *erótico*, levado a seus reais significados, talvez soasse como chulo ou pejorativo aos olhos da sociedade, ou do próprio selecionador do conteúdo lexicográfico, por isso, talvez, a escolha em fazer definições metalinguísticas, apenas relacionando erótico a outras categorias de palavras.

Ao compararmos as definições de *amor* e *erótico* fica claro que a natureza de ambas as palavras não apresenta muita convergência, tendem a se distanciarem. O autor enxuga todos os sentidos de amor ligados a sexo, porém, os ressalta de modo sutil em erótico.

Considerações finais

A partir das abordagens de leitura e da análise dos verbetes, podemos nos questionar sobre as diferentes manifestações dos discursos que podem ser produzidos pelo léxico, ou melhor dizendo, os posicionamentos de formação discursiva própria aos lexicógrafos.

Isso nos leva a pensar sobre como se constitui a heterogeneidade

das produções, interlocuções, interpretações e do saber linguístico. É que, o dicionário é todo um “caldeirão” de conhecimentos, saberes que são construídos pela história, cultura e tecnologia, que, sendo produzido para dar legitimação ao léxico da língua, pelo seu uso, revela-se também o seu papel na constituição de uma memória histórico-social.

Sabemos que, quando se escreve algo, tem-se uma primeira pergunta: para quem vou escrever? A partir daí, temos um “quem escreve o quê para quem” (ORLANDI, 1996, p.16). No contexto desse questionamento, há o ponto “x” da questão, trata-se dos posicionamentos colocados, o do lexicógrafo que escreveu, o do editor que selecionou o que deveria ser posto, e por último, entre outros, o do leitor que dá a sua interpretação do conteúdo lido. Este último ponto, talvez seja para o consulente, o mais importante, pois, como afirma Orlandi (2000, p. 99), é possível “compreender o funcionamento da ideologia, pois, ao tomar o dicionário como discurso, podemos ver como se projeta nele uma representação concreta da língua”.

Os sujeitos que produzem o dicionário impõem também as suas crenças, as suas percepções, porque, como sujeitos, são seres histórico-sociais (ORLANDI, idem, p.100) “afetados pelo simbólico e pelo político sob o modo da ideologia – produzem linguagem”.

Notemos sobre os critérios adotados na obra analisada que eles são mais lógicos e informativos, e se distanciam do olhar histórico, social, sexual e até etimológico da palavra; dizemos isso porque não queremos negar que o lexicógrafo possa usar os implícitos, utilizando-se também de suas remissivas (remissão para consultar outra palavra no mesmo dicionário), para atingir este objetivo.

Por ser um dicionário mais atual, o Aurélio traz uma definição bem abrangente, geral, e tenta ser politicamente correto. Embora sejam percebidas algumas nuances de “silenciamentos”, de forma bem discreta, traz também um juízo de valor, quando se ausenta de ligar semanticamente o erotismo ao amor, afinal de contas *Eros* era o deus do amor para os gregos, e o vocábulo erótico vem de *Eros*. Fato que não é citado neste dicionário.

Concluimos também que os efeitos de sentidos podem ser gerados por uma questão do imaginário, isto é, se conhecermos as palavras no seu uso comum, ou no real, saberemos construir no imaginário quais as lacunas deixadas pelo autor do dicionário. Afinal, nenhum indivíduo

é tão leigo na sua própria língua. E, além disso, o dicionário, por ser uma obra de respeito e de crédito, ainda é procurado para esclarecer dúvidas sobre as palavras, como se escrevem, se pronunciam, se separam, e principalmente o que significam. O aluno deseja respostas claras e objetivas, mas que não o subestimem, pois ele é um ser social, que faz suas próprias interpretações, necessita, porém, de ajuda útil, pistas que lhes mostrem o porquê dos conceitos.

Referências

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. Interdiscurso e memória discursiva: veredas sinuosas de intersecção. **Anais**. Seminário de Estudos em Análise do Discurso: 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso. Porto Alegre - Rio Grande do Sul, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. A prática lexicográfica: onde ciência e arte se encontram. In: **Alfa**. São Paulo, 40: 129-139, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. In **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes. 1999.

_____. Lexicografia Discursiva. In: **Alfa**, São Paulo, 44: 97-114, 2000.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: o que é e como se lê. Produção editorial Liduína Farias Almeida da Costa. Fortaleza: EDUECE, 2009.

SILVA, Maria Alice Mendes e. **Sobre a análise do discurso**. Revista de Psicologia da UNESP. Ourinhos-SP, 2005.

Fontes da Pesquisa:

Dicionário etimológico: origem das palavras. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/amor/>>. Acesso em: 02 de setembro de 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa** Aurélio Júnior. 2ª edição – Curitiba: Positivo, 2011.

Recebido em: 20 de set. de 2015.

Aceito em: 04 de jul. de 2016.